

Artigo

A Escola São Carlos de Dona Francisca (RS): memória, arquitetura e projeto de revitalização de um patrimônio histórico escolar

Escuela São Carlos de Dona Francisca (RS): proyecto de memoria, arquitectura y revitalización de un sitio histórico escolar

São Carlos School of Dona Francisca (RS): memory, architecture and revitalization project of a historic school heritage site

Simara Saquet Schio¹ , Caryl Eduardo Jovanovich Lopes¹ 

¹Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa a trajetória histórica, arquitetônica e cultural da Escola São Carlos, localizada em Dona Francisca (RS), como patrimônio educativo e religioso. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e documental, ancorada em fontes históricas, documentais e análise do projeto arquitetônico de restauração contextualizando a construção da escola em 1934 e administrado pela Congregação das Irmãs Palotinas, seu papel como internato, sua decadência após a abertura de uma escola estadual e posterior incêndio em 1990 e a atual proposta de revitalização do prédio como Centro Cultural. O estudo evidencia o valor simbólico da edificação para a comunidade, destacando a importância de sua preservação como elemento de identidade local. Por meio da análise da memória coletiva e dos aspectos arquitetônicos ainda preservados, defende-se a relevância da escola como marco histórico que merece reconhecimento e proteção.

Palavras-chave: Patrimônio escolar; Arquitetura histórica; Irmãs Palotinas

RESUMEN

Este artículo analiza la trayectoria histórica, arquitectónica y cultural del Colegio São Carlos, ubicado en Dona Francisca, Rio Grande do Sul, como patrimonio educativo y religioso. La investigación utiliza un enfoque cualitativo y documental, basado en fuentes históricas y documentales, y un análisis del proyecto de restauración arquitectónica. Contextualiza la construcción del colegio en 1934, gestionado por la Congregación de las Hermanas Palotinas, su función como internado, su decadencia tras la

apertura de una escuela pública y el posterior incendio en 1990, y la propuesta actual de revitalizar el edificio como Centro Cultural. El estudio destaca el valor simbólico del edificio para la comunidad, destacando la importancia de su preservación como elemento de identidad local. A través del análisis de la memoria colectiva y de las características arquitectónicas aún conservadas, el estudio defiende la relevancia del colegio como un hito histórico merecedor de reconocimiento y protección.

Palabras clave: Patrimonio escolar; Arquitectura histórica; Hermanas Palotinas

ABSTRACT

This article analyzes the historical, architectural and cultural trajectory of the São Carlos School, located in Dona Francisca (RS), as an educational and religious heritage. The research is based on a qualitative and documentary approach, anchored in historical and documentary sources and analysis of the architectural restoration project, contextualizing the construction of the school in 1934 and administered by the Congregation of the Pallottine Sisters, its role as a boarding school, its decline after the opening of a state school and subsequent fire in 1990 and the current proposal to revitalize the building as a Cultural Center. The study highlights the building's symbolic value to the community, highlighting the importance of its preservation as an element of local identity. Through an analysis of collective memory and the preserved architectural features, the school's relevance as a historical landmark deserving of recognition and protection is defended.

Keywords: School heritage; Historic architecture; Pallottine Sisters

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca refletir sobre a Escola São Carlos como patrimônio histórico, arquitetônico e religioso no contexto da cidade de Dona Francisca, no interior do Rio Grande do Sul. A instituição, fundada em 1934 pelas Irmãs Palotinas, desempenhou papel central na formação educacional de diversas gerações e, ao longo do tempo, consolidou-se como referência cultural e afetiva da comunidade franciscana.

Com a decadência do prédio após um incêndio de grandes proporções em 1990, a Escola São Carlos tornou-se símbolo de abandono, mas também de resistência da memória coletiva. Atualmente, um projeto de revitalização propõe transformar o espaço em um centro cultural multifuncional, o que reabre o debate sobre a importância da preservação dos bens culturais edificados e sua função social.

A escola, enquanto instituição social e cultural é um espaço privilegiado para a formação integral do indivíduo. Muito além da transmissão sistemática de

conteúdos escolares, o ambiente escolar constitui-se como local de construção de saberes, de socialização e de ressignificação da memória coletiva. Nesse sentido, as escolas históricas, além de cumprirem sua função pedagógica, assumem um papel fundamental na preservação do patrimônio material e imaterial de uma comunidade. Como afirma Freire (1996, p. 51), “a educação deve ser um ato de criação e recriação, permitindo aos indivíduos refletirem sobre sua realidade e transformá-la”. A escola, portanto, é também um território simbólico que articula identidade, pertencimento e transformação social.

A Escola São Carlos, situada no município de Dona Francisca, no estado do Rio Grande do Sul, representa exemplarmente essa confluência entre educação, fé, arquitetura e memória. A instituição desempenhou, durante décadas, um papel relevante no cenário educacional e religioso da Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana. Sua edificação imponente, construída com esforço comunitário e impulsionada por lideranças locais como Umberto Cassol e o Padre José Iop, tornou-se símbolo do empenho coletivo na promoção do acesso à educação formal e aos valores cristãos.

Entretanto, como ocorre com diversos bens arquitetônicos escolares em pequenas localidades brasileiras, a Escola São Carlos passou por um processo de esvaziamento e deterioração ao longo do tempo. O encerramento de suas atividades, aliado à ocorrência de um incêndio em 1990, comprometeu a estrutura física do prédio e o transformou, gradativamente, em um espaço de ruína. Apesar disso, a presença simbólica da escola permanece viva na memória dos ex-alunos, moradores e descendentes da comunidade imigrante italiana que ajudou a erguê-la.

A proposta deste artigo é resgatar e valorizar a trajetória da Escola São Carlos como patrimônio educacional e cultural de Dona Francisca, analisando sua importância histórica, os elementos arquitetônicos remanescentes e a atual proposta de revitalização do edifício. O estudo parte de uma abordagem qualitativa e documental, ancorada em fontes históricas, documentais e análise do projeto arquitetônico de restauração que visa transformar o antigo prédio escolar em um centro cultural multifuncional.

Ao destacar a relevância da Escola São Carlos no contexto local, buscamos contribuir com a reflexão sobre a preservação do patrimônio escolar e sobre os desafios e possibilidades da reabilitação de espaços que, mesmo degradados fisicamente, seguem vivos no imaginário social. A escola, neste sentido, ultrapassa sua função institucional e converte-se em espaço de memória coletiva, um testemunho da história educacional e religiosa da região e uma força que impulsionou a formação da identidade e desenvolvimento cultural no presente.

2 METODOLOGIA

Este artigo resulta de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, que se insere na abordagem exploratória e descritiva, tendo como objetivo investigar a trajetória histórica, arquitetônica e simbólica da Escola São Carlos, localizada no município de Dona Francisca, Rio Grande do Sul. A escolha por essa abordagem justifica-se pela intenção de compreender o objeto de estudo a partir de sua complexidade e inserção sociocultural, valorizando a interpretação dos significados e das memórias que envolvem a edificação escolar.

A investigação centrou-se na análise documental e bibliográfica, aliada à observação direta e ao levantamento de registros visuais da edificação. Os dados primários foram obtidos a partir de documentos históricos, fotografias antigas, arquivos, materiais institucionais da Congregação das Irmãs Palotinas, além de projetos arquitetônicos. Também foram utilizadas fontes secundárias, como livros, artigos acadêmicos, dissertações e materiais produzidos por historiadores locais que tratam da história da imigração, da educação confessional e do patrimônio edificado na Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana.

O estudo da edificação foi conduzido por meio de visitas técnicas ao local, realizadas entre os anos de 2024 e 2025, com o intuito de documentar o estado atual do prédio, identificar elementos construtivos originais preservados, verificar as marcas do incêndio ocorrido em 1990 e analisar os impactos do abandono e do tempo sobre sua

estrutura. Durante essas visitas, foram produzidos registros fotográficos atualizados, que auxiliaram na comparação entre o estado original e o atual da construção.

Além da análise histórica e arquitetônica, este estudo também levou em consideração o papel simbólico da escola no imaginário coletivo local, reconhecendo-a como bem patrimonial de relevância comunitária. Para isso, foram consideradas narrativas presentes em obras de memória oral e relatos publicados por autores ligados à história regional, como Marin (1995), Aléssio (1995), Reck (2023) e Bortolin (2021). Esses materiais contribuíram para a compreensão da importância religiosa, educacional e cultural da Escola São Carlos no contexto de Dona Francisca e da atuação das Irmãs Palotinas no Brasil.

Por fim, o artigo incorpora a análise do projeto arquitetônico contemporâneo de revitalização do prédio escolar, elaborado pelo arquiteto Marcos Seeber Müller (2021). A proposta de requalificação do espaço, com linguagem contemporânea e preservação de elementos históricos, foi interpretada levando em consideração princípios da conservação do patrimônio cultural, buscando refletir sobre as possibilidades de ressignificação do edifício como centro cultural e espaço comunitário.

A análise entre diferentes fontes – históricas, arquitetônicas e imagens – permitiu uma leitura ampliada do objeto de estudo, sustentando uma abordagem crítica e interdisciplinar, fundamental para o entendimento do patrimônio educacional como construção viva da memória coletiva e da identidade local.

3 A ESCOLA SÃO CARLOS: FUNDAÇÃO E FUNÇÃO EDUCATIVA

Situada na Avenida 17 de Julho, nº 94, em uma posição central e estratégica na cidade de Dona Francisca (RS), a chegada das Irmãs Palotinas e a posterior fundação da Escola São Carlos constituiu-se como um dos principais marcos educacionais e culturais da Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana. Sua história remonta ao início da década de 1930, quando a comunidade local, mobilizada por lideranças civis e religiosas, iniciou esforços concretos para a instalação de um colégio católico destinado

à formação de jovens da região. A chegada das Irmãs Palotinas ao município, em 1933, marcou o início efetivo das atividades escolares, reforçando o papel da educação como ferramenta de desenvolvimento espiritual, intelectual e social.

A instituição teve o projeto idealizado por Umberto Cassol, que fundou, em 1921, a “Società Anónima Ilimitada per la costruzione de um collegio em Dona Francisca”, com o objetivo de arrecadar fundos e construir uma escola voltada à formação de meninas e ao fortalecimento da fé católica na colônia (Marin; Aléssio, 1995). Após anos de tentativas junto a diferentes congregações, foi por meio da articulação entre Umberto Cassol, o padre José Iop e a Congregação das Irmãs Palotinas, com sede em Roma, que se tornou possível a concretização do colégio, o qual passou a se chamar Escola São Carlos. Sua fundação representou não apenas um avanço educacional, mas também um símbolo do protagonismo religioso e comunitário na consolidação da identidade local.

O prédio da escola São Carlos, construído com a colaboração e doações da comunidade, apresentava características arquitetônicas organizadas e pensadas para o uso prático no dia a dia. Seu formato retangular, o bom aproveitamento da luz natural, os corredores largos e os espaços amplos revelavam um projeto educativo alinhado com os princípios de ordem, disciplina e espiritualidade, comuns nas escolas religiosas da época. Ao mesmo tempo, elementos decorativos mais delicados, como os cobogós¹ e os ladrilhos hidráulicos, mostravam uma preocupação com a beleza e a valorização simbólica do ambiente escolar, visto como uma continuação do espaço sagrado.

A Escola São Carlos funcionou como internato, atendendo a alunos do sexo feminino e masculino, oriundos tanto da zona urbana quanto das áreas rurais do município e região. As atividades escolares estavam associadas à formação integral dos estudantes, envolvendo não apenas conteúdos acadêmicos, mas também

¹ São elementos vazados utilizados para ventilar e iluminar ambientes, criados no Recife na década de 1920 pelos engenheiros Amadeu Oliveira Coimbra, Ernest August Boeckmann e Antônio de Góis, cujas iniciais formam o nome “cobogó”. Segundo Lemos (1995, pág. 20), o cobogó tornou-se um dos componentes mais característicos da arquitetura moderna brasileira, especialmente por sua função climática e estética.

orientações morais, espirituais e cívicas, sob a supervisão direta das Irmãs Palotinas. Como relatam Marin e Aléssio (1995), a rotina escolar incluía momentos de oração, atividades recreativas, práticas de bordado, música e celebrações religiosas, numa perspectiva educativa que extrapolava os limites da sala de aula.

Com o passar das décadas, a escola foi sendo ampliada e adaptada às novas necessidades pedagógicas e populacionais. Os primeiros andares foram acrescidos de dormitórios, refeitório, capela, secretaria, biblioteca e mais salas de aula. Estima-se que, ao longo de sua existência, aproximadamente 8.500 alunos tenham passado pela instituição, que se consolidou como um espaço de socialização, preservação da cultura italiana e transmissão dos valores cristãos. De acordo com Bortolin e Reck (2021, p. 04)), a escola se tornou “referência educacional na Quarta Colônia, promovendo não apenas a alfabetização, mas também a integração social e religiosa da juventude local”.

A partir dos anos 1980, no entanto, a instituição começou a enfrentar dificuldades administrativas e financeiras. A migração de alunos para a rede estadual, associada à crescente complexidade de manutenção do internato, levou à diminuição progressiva do número de matrículas e consequentemente a interrupção das atividades escolares. Em 1990, um incêndio comprometeu parte significativa da estrutura física do prédio, acelerando seu processo de desativação e abandono.

Mesmo com o fechamento da instituição, a lembrança da |Escola São Carlos continua presente entre ex-alunos e na comunidade de Dona Francisca. Seu valor vai além da educação, fazendo parte da memória coletiva como um símbolo da atuação das Irmãs Palotinas, da religiosidade popular, do envolvimento da comunidade e da valorização da educação pública. Hoje, mesmo estando em ruínas, o prédio ainda inspira projetos de revitalização e consequente preservação, mostrando o reconhecimento de sua importância como parte do patrimônio arquitetônico, histórico e afetivo da cidade.

4 O INCÊNDIO DE 1990 E A DEGRADAÇÃO DA ESTRUTURA

O prédio da Escola São Carlos representa um exemplar significativo da arquitetura escolar confessional implantada no interior do Rio Grande do Sul durante o século XX, especialmente no contexto das colônias de imigração italiana. A construção, que teve início na década de 1930, destaca-se pela solidez estrutural e pela configuração funcional dos seus espaços, articulados de forma a atender tanto às demandas pedagógicas quanto à vivência comunitária e religiosa das Irmãs Palotinas e dos estudantes.

A presença de elementos decorativos como cobogós e pisos, contribuía para a característica única do imóvel, evidenciando o zelo das Irmãs Palotinas em manter um ambiente acolhedor para o exercício da missão educativa e religiosa. Segundo Bortolin e Reck (2021, p. 05), “as irmãs cuidavam dos detalhes da limpeza, do jardim, das paredes, dos ornamentos e, principalmente, do trato com os alunos, demonstrando um olhar voltado à dignidade do ambiente escolar”.

No entanto, esse patrimônio material foi gravemente comprometido em 1990, quando um incêndio destruiu parte significativa do edifício. As causas do sinistro nunca foram totalmente esclarecidas, mas sabe-se que o fogo consumiu o prédio principal, comprometendo sua estrutura e deixando-o em estado de vulnerabilidade. A tragédia marcou profundamente a comunidade local, pois além da perda material, representava o fim simbólico de uma era educacional marcada pela atuação das Irmãs Palotinas e pela centralidade da escola na vida cotidiana de Dona Francisca.

Após o incêndio, o edifício não passou por obras de restauração imediata. Sem uso definido e sem recursos financeiros para sua recuperação, o prédio iniciou um processo de degradação progressiva. A ausência de manutenção, a exposição às intempéries e ações de vandalismo contribuíram para a deterioração de pisos, paredes e esquadrias. Parte dos ambientes internos foi invadida pela vegetação,

janelas foram arrancadas, vidros quebrados, e pichações passaram a cobrir as antigas paredes do internato.

Apesar do abandono físico, a Escola São Carlos permaneceu viva na memória afetiva de ex-alunos e moradores da cidade. A edificação passou a ser reconhecida como um patrimônio não apenas arquitetônico, mas também histórico, educativo e cultural, carregado de significados para várias gerações que por ali passaram.

No caso da Escola São Carlos, o abandono do prédio não apagou seu significado para a comunidade. Mais do que isso, evidencia-se a necessidade de promover estudos e buscar meios de valorização que reconheça, sua relevância histórica, arquitetônica e cultural. É fundamental que novas gerações compreendam a importância que a Escola São Carlos teve para o município de Dona Francisca e região. Preservar sua memória e promover sua rememoração são ações essenciais para manter viva a identidade local e fortalecer o vínculo entre passado e presente.

5 O PROJETO DE REVITALIZAÇÃO: UMA NOVA VIDA AO PATRIMÔNIO

O prédio da antiga Escola São Carlos, localizado na área central de Dona Francisca (RS), encontra-se atualmente desativado, porém permanece carregado de significados históricos, espirituais e afetivos para a comunidade. Diante disso, a Prefeitura Municipal de Dona Francisca assumiu a responsabilidade de elaborar e encaminhar um projeto de revitalização do edifício com o intuito de restaurá-lo e destiná-lo a novos usos socioculturais.

A proposta de intervenção visa transformar o antigo prédio escolar em um Centro Cultural, resgatando sua importância simbólica e funcional no cotidiano franciscano. Essa iniciativa está inserida dentro de uma política de valorização da história local e da preservação do patrimônio arquitetônico ligado à presença das Irmãs Palotinas e à formação educacional e religiosa que ali se desenvolveu por décadas. Como destaca Marin e Aléssio (1995), a obra das irmãs ultrapassava os muros da escola, deixando marcas profundas na constituição da identidade da comunidade.

Para viabilizar financeiramente o projeto, a prefeitura recorreu à Lei Federal de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet, mecanismo que permite a captação de recursos por meio de incentivo fiscal junto à iniciativa privada. A proposta contempla não apenas a restauração física do edifício, mas também sua readequação para atividades culturais, educativas e comunitárias, sem descaracterizar os elementos arquitetônicos originais.

O projeto foi desenvolvido em conformidade com os princípios de preservação patrimonial, incluindo diagnóstico estrutural, levantamento histórico-documental e consulta a registros fotográficos. A edificação manterá sua estrutura atual, valorizando os elementos simbólicos como a escadarias, vãos em arco e os revestimentos cerâmicos, conforme registrado em documentos e relatos históricos (Reck, 2023).

A Associação Amigos da Escola São Carlos, composta por membros da comunidade local, terá um papel fundamental na fiscalização da aplicação dos recursos e no acompanhamento das etapas de execução do projeto. Essa associação também será responsável por promover ações educativas e de sensibilização, articulando memórias individuais e coletivas sobre a escola, sua história e importância. Como lembram Bortolin e Reck (2021), o envolvimento comunitário é essencial para que o patrimônio continue a produzir sentidos e pertença.

A revitalização do prédio da Escola São Carlos representa não apenas um gesto de recuperação arquitetônica, mas uma atitude de respeito à memória coletiva, à trajetória educativa das Irmãs Palotinas e ao simbolismo de um espaço que marcou a vida de inúmeros franciscanos. Preservar esse edifício é preservar também os laços que unem o passado e o presente da comunidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da Escola São Carlos, situada no município de Dona Francisca (RS), permitiu compreender a profunda relação entre educação, patrimônio histórico e memória coletiva. Mais do que uma edificação física, a escola representa um marco

identitário e simbólico para gerações de franciscanos que ali foram formados sob os cuidados das Irmãs Palotinas.

A análise histórica e arquitetônica revelou não apenas as transformações estruturais do prédio ao longo do tempo, mas também os diferentes sentidos atribuídos a ele pela comunidade local. Desde sua fundação, com a iniciativa de Umberto Cassol e Padre José Iop, até seu auge como internato e escola de formação religiosa e cidadã, a Escola São Carlos constituiu-se como espaço de referência cultural, espiritual e social.

O incêndio de 1990 e o abandono do prédio causaram uma interrupção no uso e na função original do espaço. No entanto, isso não foi suficiente para apagar o valor simbólico da Escola São Carlos. A memória afetiva das pessoas e o interesse em preservar esse espaço mostram que a escola ainda está presente no imaginário coletivo da comunidade.

A proposta atual de revitalizar o prédio e transformá-lo em um centro cultural reforça a importância de recuperar e dar novos significados a esse patrimônio. Essas iniciativas mostram que preservar a história não é apenas manter tudo como era, mas repensá-la conforme as necessidades e os valores da sociedade atual.

Conclui-se que o resgate da Escola São Carlos não se limita à recuperação de um bem material; trata-se de reconhecer e valorizar os vínculos que as pessoas constroem com os espaços que habitam, aprendem e transformam. Preservar este patrimônio é, portanto, preservar a identidade de um povo, sua trajetória e seus sonhos.

REFERÊNCIAS

BORTOLIN, A. C. C.; RECK, D. N. Escola São Carlos de Dona Francisca: **O Berço das Irmãs Palotinas do Brasil**. II Seminário Internacional Gestão Integrada do Patrimônio Cultural: Humanidades, Sociedade, Saúde e Ambiente. Pelotas, RS, p. 525, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/gipc-morroredondo/publicacoes/>. Acesso em: 05 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LE MOS, Carlos A. C. **Cobogó**: arquitetura e clima. São Paulo: Edusp, 1995.

MARIN, A.; ALÉSSIO, A. M. **Congregação do Apostolado Católico – Irmãs Palotinas**: uma caminhada de fé e coragem. Porto Alegre: Editora Palotti, 1995.

RECK, D. N. **Patrimônio posto à mesa**: a culinária das comunidades de Dona Francisca, RS. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/27883>. Acesso em: 12 maio 2024.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Simara Saquet Schio

Mestranda em Patrimônio Cultural, pela UFSM; Especialização em Educação Ambiental, pela UFSM; Especialização em Educação, pelo IFSul; Especialização em Gestão Educacional, pela UFSM; Graduação em Geografia, pela UFN.

<https://orcid.org/0009-0005-2289-2382> • simarasschio@gmail.com/simara.schio@acad.ufsm.br

Contribuição: Investigação; Metodologia; Escrita – primeira redação; Escrita – revisão e edição.

Caryl Eduardo Jovanovich Lopes

Professor Dr. Arquiteto - Universidade Federal de Santa Maria - Centro de Tecnologia - Departamento de Arquitetura e Urbanismo - Professor Titular; Professor do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural - CCSH/UFSM; Professor do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo - CAU/CT/UFSM - Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-3524-0755> • caryl.lopes@ufsm.br

Contribuição: Supervisão; Validação; Escrita – revisão e edição.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos autorais

Os autores dos artigos publicados pela Cadernos de Comunicação mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A cadernos mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora chefe

Cristina Marques Gomes

Como citar este artigo

SCHIO, S. S.; LOPES, C. E. J. A Escola São Carlos de Dona Francisca (RS): Memória, Arquitetura e Projeto de Revitalização de um Patrimônio Histórico Escolar. **Cadernos de Comunicação**, v. 29, p. e93110, 2025. DOI: 10.5902/2316882X93110. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/93110>. Acesso em: XX/XX/XXXX